

A primeira impressão que se tem ao conhecer Forte Velho (propriedade privada, localizada às margens do rio Paraíba - PB) é que o tempo por lá passa diferente. Nas segundas-feiras é possível encontrar alguns rapazes jogando futebol em frente à Igreja ou conversando pelos bares e mercadinhos do povoado.

Nunca imaginei que bastava me distanciar um pouco da cidade para perceber que existem pessoas que mantêm relações diferenciadas com o tempo. Os moradores de Forte Velho convivem simultaneamente com o tempo controlado pelo relógio, pelo mercado, e com o tempo da natureza. Os mesmos homens que têm a fala mansa, passam horas vendo o movimento das marés, também sabem que se não trouxerem o peixe para vender não terão como alimentar os filhos. São os mesmos homens que brincam coco, que contam histórias de assombração e encantamento e também assistem novelas e ouvem notícias do que acontece no resto do mundo.

O tempo que tem um dono, que pode ser perdido, consumido, aparece no coco, cantado por Seu Jove numa noite de São Pedro:

Usina grande
quando apita
é tão bonito
que se oice em Nazaré

Os operário
se levanta a meia noite
vai trabalhar
na Usina São José

O apito da Usina São José chama os operários para o trabalho, já que o tempo deles não espera o sol nascer. Para os pescadores artesanais, a natureza determina a hora de levantar, o importante é chegar, no fim do dia, com o peixe em casa. O "apito" da usina marca a hora de chegar e sair. Aos operários importa o tempo gasto e cumprido dentro da fábrica e não o produto do trabalho. Mesmo assim os homens ainda estão fascinados pela máquina, pela indústria, acham bonito o som que se ouve de longe.

Assim como o espaço, o tempo reflete a prática social. Para o homem contemporâneo (...) "o tempo está menos ligado aos fenômenos que se desenrolam do que aos instrumentos que permitem medir-lhe o curso. Uma vez senhor do tempo, quer dizer, tendo aprendido a medi-lo e dosá-lo com grande precisão, a economizá-lo e gastá-lo, o homem se deixou também subjugar por ele". ⁱⁱ

Em cada época ou em cada sociedade encontram-se percepções específicas da realidade, que correspondem a uma atitude particular diante do tempo. É possível dizer que em Forte Velho, ainda hoje, o tempo flui mas não em todas as esferas da existência. A vida daqueles pescadores e agricultores está contaminada pelo tempo que flui, pelo ritmo do trabalho, pelo ritmo do mercado. Mas o tempo da festa, da brincadeira, da conversa demorada na casa de farinha ou ao lado da Igreja parece não fluir. O tempo ainda conserva o seu valor afetivo. Dona Joana se demora na visita às vizinhas ou lavando roupa no riacho. É o tempo da recordação, momento em que os meninos brincam na água, em que é possível fumar devagarinho, sem ouvir reclamações da filha mais moça. Não tem hora certa para terminar, o relógio ficou em casa, a neta ainda não chegou com o lanche.

Jove um dia me disse que não sabia a hora do nascimento da filha porque não tinha relógio. Hoje, na sua sala, existe um relógio de parede que toca uma música a cada hora que passa. O fascínio pelo relógio está presente não pelo

fato de marcar a hora do compromisso mas pelo próprio funcionamento da máquina. Sempre que toca Seu Jove fica em silêncio, ouve a música e só depois retoma a conversa. Em nenhum momento olha para o relógio para saber a hora. Acho até que aquele relógio nunca marca a hora certa, existe apenas como objeto de decoração.

Segundo Thompson, nas comunidades independentes de artesãos e agricultores, ainda é possível observar a indiferenciação entre trabalho e vida. Nestes locais, "As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e 'passar o dia'." ⁱⁱⁱ

Forte Velho não pode ser considerada uma comunidade de agricultores independentes. O proprietário das terras determina seu próprio tempo e o tempo de trabalho dos moradores. Como os trabalhadores conciliam a pesca com a agricultura e a coleta de frutos, ainda existe uma certa flexibilidade na jornada de trabalho. Para os pescadores a "natureza manda" - sair de madrugada para o mar é uma "obrigação da profissão". Mas ainda existe o tempo da festa, mágico, colorido com estórias fantásticas e versos feitos de improviso. O tempo subjetivo, afetivo, tempo de recordações, faz parte da vida daquelas pessoas.

No depoimento de Joventino encontramos uma estreita relação entre memória e trabalho. Os acontecimentos da sua vida são relatados a partir de um tempo determinado pelo trabalho, pelas várias profissões que já teve. O trabalho para seu Jove aparece sempre como um valor, inserido num universo de solidariedade e esperança. A cada ano o cantador espera ter o milho e o feijão nos meses de festa:

“Costume da pessoa...costumado a trabalhar...e pro São João ter o que comer pra não tá pedindo os outro nem comprar. É isso! Pois bem. Eu acho bonito, eu trabalho...eu acho bonito ter na minha casa pra não pedir a ninguém e dar a quem merecer, compreendeu? De comer, ter minha barriga cheia. Que a pessoa que come comprado nunca tem barriga cheia. (...) Por isso que eu planto, porque acho bonito. Que no São João ter minha casa...dou uma mão de milho a um, dou...cinco espiga a outro, bota ele na fogueira, milho bom, a mulher faz uma canjica, faz uma pamonha, né? Fica no roçado, vou quebrar...vou quebrar...dou aos pinto pra comer. Já tem uns filho meu, eu mando buscar uma mão de...fazer uma canjica...E tem na minha casa. E depois fica lá...fica lá seco, eu quebro, boto pra casa...como um mangunzá...Tudo isso. Eu acho bom por causa disso, acho bonito.”

O trabalho ainda é visto como satisfação, não é um fim em si mesmo, a exemplo do que acontecia na economia de subsistência, quando o trabalhador podia decidir o que e como produzir, quando e em que ritmo: “a escolha entre trabalhar ou não, entre caçar e pescar, entre semear ou tecer, era tão simples quanto entre comer ou não, alimentar-se ou vestir-se.” ^{iv} Joventino não viveu nesse tempo, as suas escolhas eram bem diferentes: pescar, plantar, trabalhar nas usinas ou no porto de Cabedelo. Outras opções poderiam aparecer, tais como sair pelo mundo em navios que partiam do porto, ou ainda viver cantando cocos pelas fazendas e sítios da região. A primeira opção não servia para Seu Jove, que ouvia os relatos dos viajantes, dos sacrifícios e da vida dura dos pescadores que vivem no mar. A segunda nem sequer é mencionada. Talvez para os mais jovens, seduzidos pelas histórias de cantores pobres que ganham muito dinheiro e chegam ao meios de comunicação de massa, esta seja uma opção imaginária.

Procurei perceber em que momentos Seu Jove fala do trabalho como atividade criativa, como possibilidade de satisfação pessoal. A pesca aparece como uma atividade associada ao trabalho na agricultura e no porto: “quando tinha vaga, ia pescar...na maré. Pescava camarão, peixe, de rede grande ou de sauneira. Era assim. Pescava pela noite...e pelo dia ia trabalhar.” Nesta atividade a habilidade do pescador conta muito, é ele quem sabe onde se encontram os peixes, a melhor hora para jogar a rede. O pescador domina a técnica e o saber mas não possui mais o barco e as redes. Com tudo isso, a pesca ainda permite uma maior disponibilidade de tempo dedicado ao descanso e aos ritos sociais, tempo que não se restringe apenas aos finais de semana e às noites.

Nas economias pré-industriais os homens podiam decidir a duração e intensidade do tempo de trabalho. Já nas sociedades industriais o trabalho aparece sempre associado ao esforço e ao desprazer, deixou de ser considerado como “um espaço e um tempo de realização pessoal” e se transformou num “mal necessário”.^v

Na narrativa de Jove pude perceber algumas mudanças na função e nas características do trabalho e do lugar que ele ocupa na sua vida. Num primeiro momento o trabalho no roçado faz parte de um esforço de sobrevivência, de dedicação aos filhos e à mulher. Os anos de trabalho nas plantações de milho, feijão e mandioca resultam em anos de sacrifício e desgaste físico. Após a aposentadoria, Seu Jove continua trabalhando na agricultura mas agora o sentimento em relação ao trabalho é outro: o trabalho surge como liberdade. Jove pode escolher entre plantar ou não, o tempo que permanecerá no roçado, o tipo de cultura. Embora dependa da terra de outro, o projeto e o plano de trabalho são feitos por ele. O trabalho, nestas condições, deixa de ser puramente esforço físico e transforma-se numa atividade consciente e prazerosa.

“Que não há d’eu trabalhar mas eu gosto de trabalhar. E mesmo eu não gosto de tá parado em casa não senhora. Não. Não gosto de tá parado em casa não senhora. Minha vida é trabalhar. Ou com chuva ou com sol...se eu agüento eu trabalho, se num aguentar vou pra casa. É inhora sim.”

O trabalho visto como liberdade não aparecia antes da aposentadoria. Quando fala do trabalho nas casas de farinha é possível identificar a intenção final do processo - o dinheiro. Dinheiro que não chega às suas mãos, trabalho alienado. Mesmo dominando a técnica, planejando seu trabalho, no momento de preparação da farinha sai de suas mãos o poder de decisão.

“Mas as vez é ruim porque a pessoa que veve disso nunca pissui nada não senhora, de roça. Só porque tem uma barriga cheia pra comer quando pissui. Mas não pode guardar um dinheiro...a despesa do trabalho come tudo. A despesa come tudo! (...)Olhe, um animal pra carregar, um pra arrancar com o dono, pois bem...dois vão arrancar com o dono, três animal botando. Agora numa casa de farinha, cinco mulher, um mexedor, pra pagar lenha...e o fogo da casa de farinha. É. Fora os vinte por cento. A senhora fez cem cuia de farinha, paga vinte. Vinte por cento. Que a senhora só ficou...com oitenta, né? vinte por cento. Agora se a senhora tirar goma, paga, da goma e paga da farinha. É um foro molestado, isso é!”

Ao final do processo não existe a satisfação, presente nos momentos em que fala do trabalho na agricultura, plantando milho, feijão, jerimum. O mesmo se observa quando fala dos vinte e cinco anos de trabalho no porto:

“Força eu não tenho mais pra pegar um troço assim. Um devido a idade e outro a força, porque eu trabalhei vinte ano de...vinte e cinco, vinte e cinco ano de cabeceiro. Cabeceiro compreendeu? [...] Por isso que cabou-se mais minhas força. Trabalhei aqui e lá em Cabedelo. Carregava aqui... ... – e descarregava em Cabedelo. Carga de comércio, compreendeu? Batata, feijão, banana, farinha, inhame, [falando como se cantasse] tudo né? De oito em oito dia. Vinte e cinco ano...não é vinte e cinco dia.”

A atividade no porto é lembrada com sofrimento. São os momentos em que o trabalho se distancia da vida, dos locais de morada e das relações de parentesco. A distância entre o local de trabalho e a casa é evidenciada no tempo da fala: “Carregava aqui... ... – e descarregava em Cabedelo.”

Jove não menciona ninguém que tenha trabalhado com ele no porto, não conta nenhuma história sobre aqueles 25 anos que não seja apenas o necessário para dar conta do percurso entre a casa e o local de trabalho. No porto, Joventino não cria relações afetivas, não existe um grupo que se reúne para trocar experiências, para testemunhar situações que se transformam ao longo do tempo em lembranças coletivas, ou melhor, em memória social. Como nos ensina Halbwachs, o esquecimento só acontece pelo desapareço de um grupo. A imagem que se constrói do percurso entre Forte Velho e Cabedelo é uma imagem pessoal, embora inserida num quadro social de relações de trabalho. A

distância existe não só entre os espaços de trabalho e moradia mas também entre um passado que se quer lembrar e outro que se deseja esquecer.

Na narrativa de Jove não existe separação entre trabalho e vida: sua história é marcada pelo diversos tipos de trabalho que realizou, pelos dias de festa e pelas relações de vizinhança e parentesco. O depoimento do cantador aponta ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, mostra-nos que é possível manter uma relação diferenciada com o trabalho, mesmo em condições de exploração. A experiência de Jove revela-nos o sentido humanizador do trabalho. As histórias e fantasias, os versos e viagens, também fazem parte deste mesmo universo de experiências partilhadas.

ⁱ este é um dos capítulos da minha tese de doutorado - *O mundo de Jove (a história de vida de um cantador de coco)* – defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prf^a Dr^a Maria Ignez Novais Ayala.

ⁱⁱ GOUREVITCH, A. Y. O tempo como problema de história cultural. In: RICOEUR, Paul (org.). *As culturas do tempo*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 264.

ⁱⁱⁱ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 271-272.

^{iv} ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 7.

^v Idem, op. cit., p.22